

“Esta TERRA que eu adoro”

Acabei de acordar.

Os dias passavam e dia para dia, tinha a sensação de me sentir cada vez mais pressionado. O espaço já não era o mesmo de outrora e sentia um demasiado cansaço pela dificuldade em dormir. Ora faço uma força aqui e até me consigo virar, faço mais uma força ali e uma gargalhada acaba de se fazer soar. A temperatura continua a mesma e o aconchego desde sempre magnífico. Comidinha a tempo e horas e sempre dentro do que desejo. Sim, porque quem manda sou eu. Uma soneca agora e uma soneca depois. Não poderia desejar algo melhor.

O tempo foi passando.

Certo dia acordei, como nunca tivera acontecido. Os sons que até aqui ouvia das rizadas felizes, assim como os carinhos superficiais, tinham-se transformado em gritos de angústia e de dor. Acabara de sentir pela primeira vez, algo estranho que me tocava e de alguma forma me tentava agarrar. Jamais tinha sentido algo assim, desde que me reconheço neste espaço. Subitamente agarrou-me, puxou-me e expulsou-me daquele magnífico lugar. Onde estava acomodado aos bons prazeres da vida.

Um novo grito, mas agora de alívio escutei.

Sem ter feito alguma maldade ou mal a quem quer que seja, levei uma palmada.

Tive que soltar o meu grito de dor e sem demoras desatei a chorar.

Aquela voz doce, embora não tão perceptível das inúmeras vezes que a escutei.

Ouvia-se agora com toda a plenitude e transmitia uma segurança e um bem-estar.

As palavras surgiam agora sem ruídos. Foi quando tive então a percepção, do que era o filhinho e o que era afinal a Mãe.

Mesmo assim não deixava de me questionar. As questões e as incertezas eram agora imensas.

Que ser maravilhoso és tu e os que me rodeiam agora?

Onde estou eu agora, que o espaço não tem cantos e já tenho por onde me esticar?

Que odores novos são estes e porque tenho a sensação de estar frio?

Tudo era novo e as questões continuavam no ar sem respostas. Como se não entendessem nada, de tudo o que me esforçava por expressar ou transmitir. Por vezes lá soltava um berro de insatisfação. Em vez de aterrorizados, ainda desatavam umas tremendas gargalhadas.

No entanto e após tanta confusão e novidade, apercebi-me agora de algo, que nunca tivera escutado e que me disse:

-Sê bem-vindo meu rapaz! Que te possa acompanhar e nunca desamparar ao longo do teu percurso de vida. Espero corresponder e dar-te o que tenho de melhor para te poder realizar e fazer-te feliz.

Perante tal discurso, fiz um esforço e consegui abrir os olhos. Comecei a ver coisas e cores, que nunca tivera visto. Ao falarem entre si, consegui ter a perceção, visualizar e reconhecer, quem muita das vezes me falava do lado de lá. Reconheci os que estiveram sempre ali, mas do lado de fora. Era a minha Família.

Depois olhei em volta e não consegui descortinar mais nada. Por muito que me esforçasse a tentar ver mais além, não consegui atingir nem ver mais ninguém. Voltou a falar:

-Meu rapaz! A partir de agora se me permitires e me estimares, vou ser um dos teus maiores aliados.

-Este vai ser o teu novo e maior desafio.

-Por isso cabe-te a ti daqui em diante, lutares por seres alguém nesta vida e aproveitares o que de melhor tenho para te agraciar.

Tentando arranjar formas de me tentar exprimir, desatei a palrar para tentar saber quem eras afinal. Mas estava a ser tão tagarelas, que mais uma vez a Família não se conteve e voltaram a soltar uns belos sorrisos e gargalhadas. Foi quando ouvi de novo:

-Eu vou ser aquela, de quem tu vais depender. Mas para isso, vais ter sempre de me cuidar e proteger.

Fiquei feliz e soltei uma gargalhada rasgada. No momento tinha acabado de criar, mais um momento insólito de extrema felicidade na Família. Quanto a mim, percebi que me entendias.

A amizade foi recíproca e imediata. A cumplicidade perdurava com o passar do tempo e com ele vinham as etapas da vida. Conforme prometestes, nunca me desamparaste. Estavas sempre ali.

Brincávamos como se não houvesse amanhã. Lá me esfregava em ti e quando o tempo era de chuva lá me chapiscava. Chegava a casa sempre enlameado e a Mãe lá soltava o desabafo de irritada com a situação. Mas lá no fundo, não se importava. Gostava da maneira como me via feliz e aceitava as nossas brincadeiras.

A adolescência chegou.

Tentei viver-te ao máximo e conhecer-te melhor. És de uma beleza extrema e de difícil descrição. Por vezes faltam palavras para descrever tamanha formosura. Com o tempo apercebia, que já não me compreendias da mesma maneira. Embora eu tivesse a percepção de que era o mesmo. As brincadeiras agora eram escassas, mas continuávamos a interagir. Mais não fosse em casa da família, onde agora ajudava o Pai a fertilizar-te, para que nos desses os bens maiores e essenciais para nos podermos alimentar. Que rica e fértil tu estás.

A fase da Escola acabou por chegar ao fim e agora sou adulto. A responsabilidade agora é outra. Mas sempre que posso, mais pareço um saltimbanco. Com a ambição de te poder explorar e conhecer-te melhor além-fronteiras. Ter o prazer de te admirar e de olhos bem abertos, percorrer toda a paisagem. Arquivar o que vejo, para sempre numa clara imagem de Continente em Continente. A tua beleza não tem fim.

De vez em quando ainda te ouço zoar, mas por muito que me esforce não te consigo escutar. Alertaste-me uma vez, que te tinha de cuidar. Mas hoje e inconscientemente reparo, que não estou a cumprir de uma forma ou outra com o prometido. Sei que posso lutar mais por ti e que todos juntos podemos cuidar-te melhor. Mas devido a esta nova fase da vida, começo-te a poluir, a estragar e a desperdiçar os teus bons recursos.

Como será o nosso Futuro?

Deixaste de me ouvir. Mesmo quando te chamo desesperadamente. Peço-te mil desculpas e tento remendar os meus erros. Mas mesmo assim, tu não vens.

Agora começo a ficar idoso.

A Família que me trouxe até ti, infelizmente já não está cá. Mas sei que agora escutas as outras crianças, conforme um dia também me escutaste a mim.

Dou por mim a pensar, ó tempo volta para trás. Como foram bons os tempos que passamos juntos, assim como os bons momentos que fizeste por me proporcionar.

Só fico dececionado, pela promessa que um dia me fizeste. Que nunca me desamparavas e que estarias sempre aqui como a minha forte aliada. Não estás a cumprir. Não sabendo eu o mal que te fiz, para ter que viver com essa amargura.

Agora sei que estou a terminar o meu tempo por aqui.

Vivi na esperança de um dia voltar a escutar-te. Fiz de tudo o que podia e que o corpo permitiu, para remendar os erros que cometi. Relembro agora, que tu mesmo muito triste e por vezes doente, procuras-te arranjar formas de viver bem e continuas a proporcionar-me qualidade de vida.

Sinto-me cansado e sem força. Sei que a minha hora está a chegar. Como já não tenho nada a perder, quem me dera uma última vez, te poder escutar.

A minha hora depressa chegou.

Quando estava desta vez para fechar os olhos, fiz o esforço para os abrir. Pois tinha reconhecido a tua voz e queria demais te escutar. Sorri e fiquei com uma felicidade enorme. Foi quando disseste:

-Prometi que nunca te desamparava e aqui estou eu para te abraçar. Vais deitar-te no meu leito e no quentinho do meu solo vais repousar.

Antes de fechar os meus olhos e esforçando-me para falar as últimas palavras. Não pude de deixar de salientar, a tua importância na nossa vida. Do início, às várias etapas até ao fim.

Nasci e vivi para a Terra

Essa Terra onde morro e choro

Acabo melhor proferindo.

“ESTA TERRA QUE EU ADORO”.

Pseudónimo: Filipe de Marquês